

O Encontro do *Ubirajara* Alencariano com a sua Primeira Tradução Alemã de 1886

Wiebke Röben de Alencar Xavier¹

Introdução

O último romance indianista de José de Alencar, *Ubirajara* (1874)², foi traduzido pela primeira vez para o alemão por Georg Theodor Hoffmann (1848-1919) e publicado em Leipzig, pela editora oficial da Corte da Saxônia, Wilhelm Friedrich, sob o título *Ubirajara. Roman aus den Urwäldern Brasiliens* [Romance das selvas do Brasil] (1886)³.

Na base do conceito de transferências culturais, serão analisadas as modificações realizadas pelo tradutor alemão, enfocando o vocabulário utilizado e o glossário explicativo sobre os indianismos que permaneceram no texto alemão, para mostrar que essa tradução alemã transmite a imagem de José de Alencar como autor “exótico”, que aproxima o leitor alemão pelo “canto das selvas do Brasil”, de forma popular, à cultura e língua indígenas. Supondo que, na Alemanha do final do século XIX, a informação sobre o exótico torna-se um empreendimento de retorno e uma procura pelas raízes e fontes da cultura, da origem e da natureza do homem, apesar das modificações no processo tradutório e da assimetria temporal e espacial, há um encontro do *Ubirajara* alencariano com a sua tradução alemã.

¹ Professora adjunta III do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

² ALENCAR, José de. *Ubirajara*. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1965 [1874]. p. 267-337.

³ ALENCAR, José de. *Ubirajara*. Roman aus den Urwäldern Brasiliens. Nach dem portugiesischen Original des J. de Alencar übersetzt und mit Anmerkungen versetzt von G. Th. Hoffmann. Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich. Königlich rechtlicher Hofbuchhändler, 1886.

Os romances indianistas de José Alencar foram rapidamente traduzidos para o francês⁴, alemão e inglês. Nesse caminho, o imaginário literário alencariano da natureza tropical do Brasil, de tradições indígenas e da coexistência entre europeus e índios foi traduzido, nos contextos culturais de chegada, em diferentes perspectivas.

Em vez de avaliar as traduções e imitações em relação ao “original”, este artigo abordará, no exemplo da primeira tradução de *Ubirajara* (1874), os caminhos individuais de transposição e transformação cultural para mostrar como surgiram, num contexto (trans)nacional, além de diferenças, também paralelismos surpreendentes nas traduções culturais dos romances indianistas de José de Alencar. Por meio deste estudo de caso, ficarão já evidentes, de um lado, as multifaces da participação de José de Alencar no discurso brasileiro sobre o projeto de uma história nacional e, nesse contexto, sobre o grau do “estado civilizatório” dos indígenas; por outro lado, no contexto transatlântico, serão ressaltadas a presença e a integração da sua obra em tradução no âmbito da história da literatura, cultura e ciência de língua alemã da segunda metade do século XIX.

Os seus romances indianistas *O guarani*, *Ubirajara* e *Iracema* foram, nessa cronologia, divulgados de forma popular no espaço de língua alemã como “romance brasileiro” e “canto das selvas do Brasil”: *O guarani* alcançou grande sucesso em três traduções diferentes: a primeira versão apareceu como romance em folhetim em 1872, com reedição em 1873; a segunda versão foi publicada em livro em 1876; e uma terceira tradução diferente surgiu em 1911, com segunda edição em 1914. A versão alemã de *Ubirajara* foi publicada em 1886, e uma imitação de *Iracema*, chamada pela própria tradutora Christa von Düring “eine exotische Blüte” (“uma flor exótica”), apareceu em 1898. Essas traduções se encaixavam em um interesse por romances exóticos sobre o “Novo Mundo”, um exotismo popularizado e uma exploração etnográfica sobre o Brasil, devido, especialmente, a uma visão cultural e científica dos trópicos no sentido e na tradição de Alexander von Humboldt em relação à América Latina e de Carl Friedrich von Martius, aplicando a visão de Humboldt mais especificamente em relação ao Brasil.

Humboldt não só conhecia o discurso da “conquista” desde os inícios, mas também foi considerado, no contexto desse discurso, o primeiro a valorizar

⁴ Sobre as traduções francesas de *O guarani*, conferir o estudo “Peri com sotaque francês: um estudo de três traduções de *O guarani*”, de Ilana Heineberg, nesta coletânea.

as crenças e a poesia indígenas encontradas, integrando descrições e exemplos até mesmo em seus relatos de viagem em alemão e francês. Por isso, Humboldt é, àquela época, admirado na Europa e por escritores das novas nações das Américas⁵. No outro lado do Atlântico, autores e leitores de língua alemã do fim do século tratavam e consideravam a América Latina – e, nesse caso, o Brasil – como modelo de contraste diante da Europa industrializada. E nesse contexto, analisando a tradução, transformação e divulgação de José de Alencar no espaço de língua alemã, fica surpreendentemente claro que o público leitor de língua alemã, já desde o último terço do século XIX, teve múltiplo acesso ao imaginário alencariano, traduzido e divulgado como melhor romancista brasileiro, cujas obras figuravam não só ao lado de romances de Karl May, Charles Sealsfield e Fenimore Cooper, mas também nas mesmas coleções⁶ em que aparecem os romances de Honoré de Balzac, Charles Dickens e Théophile Gautier.

O *Ubirajara* alencariano

Em seu último romance indianista, José de Alencar transforma a origem da literatura brasileira na “Idade de Ouro” da língua, das tradições e dos rituais culturais, dos valores e das crenças dos índios tupis. Na sua perspectiva, a cultura tupi, em sua origem, é civilizada, na qual poderiam enraizar-se as origens da nacionalidade cultural brasileira. Ele situou os eventos poéticos da lenda no tempo anterior à chegada dos europeus e, portanto, antes da influência dos primeiros colonizadores, missionários e aventureiros. A lenda oferece a “moldura” ficcional, na qual Alencar faz, em conjunto com a sua “Advertência”⁷ e as “Notas do autor”⁸, uma espécie de revisão do seu indianismo literário, incluindo a discussão etnográfica contemporânea avançada e o papel da cultura indígena no projeto da escrita da história nacional brasileira.

Para entender as diferenças e os paralelismos entre a concepção alencariana de *Ubirajara* e a sua primeira tradução alemã, é preciso contextualizar, de um lado, o discurso crítico alencariano no próprio histórico do discurso brasileiro sobre o projeto nacional de uma história e historiografia brasileira e,

⁵ Cf. XAVIER, Wiebke Röben de Alencar; ZEUCH, Ulrike (Org.). Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien. Das achzehnte Jahrhundert. Zeitschrift der Deutschen Gesellschaft für die Erforschung des 18. Jahrhunderts, v. 34, n. 2, p. 155-248, 2010.

⁶ Essas coleções recebiam à época o nome de Bibliotecas.

⁷ ALENCAR, José de. Advertência. In: _____. *Ubirajara. Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1965 [1874]. p. 268-270.

⁸ *Id.* Notas do autor. In: _____. *Ubirajara. Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1965 [1874]. p. 320-337.

nesse sentido, sobre o grau do “estado civilizatório” dos indígenas; de outro lado, cumpre visualizar, na perspectiva transatlântica, a presença e a integração da sua obra em tradução no contexto alemão do último terço do século XIX, tendo em vista Leipzig como centro editorial e de negócios de bens culturais na Europa, despontando com papel importante na mediação e popularização literária, cultural e científica do “Novo Mundo”. Por fim, é mister contextualizar a tradução alemã de Hoffmann também no exotismo popularizado da época.

Na “Advertência” e nas “Notas do autor”, publicadas somente na segunda edição do romance, em 1875, José de Alencar aconselha uma leitura crítica das obras da primeira geração de historiadores, cronistas e viajantes do Brasil e sugere uma nova tradução cultural do alto “estado civilizatório” pré-colonial dos “selvagens”, argumentando a péssima qualidade, a falta de verdade, a postura interesseira e a falta de compreensão verdadeira por parte dos autores e viajantes europeus dessa primeira geração. Citando, comparando e comentando de forma crítica os primeiros escritos e posicionando-se explicitamente como adepto de Alexander von Humboldt, Ferdinand Denis e Gonçalves Dias, consegue construir uma própria leitura histórico-etnográfica da sua lenda. Por seu turno, a sua lenda poética, na sua versão comentada, vira uma representação literária das representações etnográficas da(s) cultura(s) indígena(s) do Brasil⁹.

Nas 67 notas finais, seguindo a cronologia da lenda poética, Alencar acrescenta, na maioria dos casos, explicações etnolinguísticas relacionadas ao vocabulário da língua e cultura indígenas (especialmente a tupi) para flora, fauna, crenças, costumes e rituais. A etnolinguística é o método mais aplicado na etnografia histórica, especificamente por Martius, Gonçalves Dias etc., para pesquisar o povoamento do continente americano através de migração com enfoque na diversificação linguística. Mas, no meio dessas explicações de caráter mais informativo, Alencar aborda, no tocante a circunstâncias descritas no texto poético, também assuntos de central interesse nesse discurso etnográfico contemporâneo, como antropomorfismo, antropofagia, poligamia e comparabilidade de estruturas sociais e níveis culturais dos indígenas brasileiros.

O seu discurso crítico mostra que ele acompanhou de perto o desenvolvimento da historiografia brasileira desde a fundação do Instituto Histórico e

⁹ Cf. XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. *Ethnographische Schriften zu Brasilien und Humboldt-Rezeption in José de Alencars indianistischen Erzählung *Ubirajara**. In: XAVIER; ZEUCH (Org.). *Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien*, op. cit., p. 218.

Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, para o qual o etnógrafo alemão Carl Friedrich von Martius teve um papel muito importante na definição dos parâmetros para escrever uma história do Brasil. Alencar cita a obra de Gonçalves Dias, *Brasil e oceania* (1867), e, especialmente no contexto do antropomorfismo, refere-se com citação direta à obra *Relation historique du voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent* (1819), de Alexander von Humboldt, para mostrar o alto “estado civilizatório” dos indígenas antes da “conquista”. Ele inclui igualmente citações em francês de duas obras dadas a público por Ferdinand Denis: *L’univers, ou histoire et description de tous les peuples, de leurs religions, moeurs, coutumes, etc.*, vol. 1: *Amérique* – 1837 (trata-se da reedição da obra, escrita em conjunto com Hippolite Taunay, *Le Brésil, ou histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, de 1824); e *Suite de l’histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan* (1615), de Yves d’Évreux, na edição contemporânea de Ferdinand Denis, encontrada por este na biblioteca Sainte-Geneviève em 1835 e publicada com anotações do próprio Denis sob o título de *Voyage dans le nord du Brésil fait durant les années 1613 et 1614 par le père Yves d’Évreux*, publicado em 1864 em Paris e Leipzig na coleção “Bibliotheca americana. Collection d’ouvrages inédits ou rares sur l’Amérique” pela editora especializada em obras filológicas Franck e Albert L. Herold (sucessora de Brockhaus & Avenarius desde 1848)¹⁰.

Seu discurso crítico sobre o estado civilizatório dos indígenas, referindo-se a fontes europeias e brasileiras, saiu, por um lado, em um momento de sucesso internacional do seu *O guarani*, lembrando aqui a divulgação da ópera de Carlos Gomes *Il Guarany*, de 1870, e as duas traduções em alemão: a tradução livre em folhetim no *Roman-Magazin des Auslandes*, em quatro partes, nos números 10 a 13 do ano 1872, e a tradução de Maximilian Emerich, de 1876, publicada na editora Bartelt, em Falkenberg, na Alemanha.

Por outro lado, a recepção nacional de *Ubirajara* foi dominada por fortes críticas, especialmente pela polêmica entre Alencar e Joaquim Nabuco, crítico do indianismo romântico e em especial do índio alencariano. Considerando a linguagem literária como aspecto decisivo para uma nação e nacionalidade, Nabuco critica em “Aos domingos”, do jornal *O Globo* de 14

¹⁰ Há uma nova edição crítica e anotada dessa obra de Yves d’Évreux, publicada por Denis, intitulada *Yves d’Évreux: voyage au nord du Brésil* (1615), édition critique du texte complet établi par Franz Obermeier. Fontes *Historiae Americanae*, 4. Publicada em Kiel pela editora Westensee, em 2012.

de novembro de 1875, a imagem alencariana do índio em *Ubirajara* como atrasada, argumentando que a literatura brasileira precisava de outro modelo ao invés de “tupinização”:

Essa literatura indígena tem certa pretensão a tornar-se a literatura brasileira. Sem dúvida quem estuda os dialetos selvagens, a religião grosseira, os mitos confusos, os costumes rudes dos nossos indígenas, presta um serviço à ciência, e mesmo à arte. O que porém é impossível, é querer-se fazer dos selvagens a raça, de cuja civilização a nossa literatura deve ser o monumento. Nós somos brasileiros, não somos guaranis; a língua que falamos, é ainda a portuguesa. Com o tempo, com a influência lenta, mas poderosa, do meio exterior, há de se tornar cada vez mais sensível a divergência que já começa de manifestar-se entre a nossa literatura e a de Portugal¹¹.

O crítico realista considera em especial o final feliz entre o herói, Araci, e a sua segunda esposa, Jandira, como irreal, argumentando que, nos povos indígenas, o amor não era a mais importante motivação para agir. Alencar responde no dia 18 de novembro 1875 em “Às quintas”, do jornal *O Globo*, aconselhando a Nabuco a leitura de Alexander von Humboldt para (re)conhecer o efeito que essa paixão teve entre os povos indígenas, supondo que as maiores guerras desses povos foram iniciadas por “helenas guaraníticas”¹². A polêmica reflete muito bem o discurso crítico contemporâneo no Brasil oitocentista, que havia dividido no século XIX os apoiadores e adversários do indianismo romântico em dois partidos na discussão sobre o papel do índio como fator importante na apresentação nacional brasileira, a saber, entre o índio enquanto “exotisches Kunstprodukt” (“produto artístico exótico”) e o índio enquanto “ethnische Realität” (“realidade étnica”)¹³. Essa polarização

¹¹ NABUCO, Joaquim. Aos domingos. *O Globo*, 14 de novembro de 1875. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília; Tempo Brasileiro, 1978. p. 190-191.

¹² ALENCAR, José de. Às quintas. *O Globo*, 18 de novembro de 1875. In: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília; Tempo Brasileiro, 1978. p. 205.

¹³ GRAF, Marga. Der edle Wilde bei Chateaubriand und José de Alencar – Hintergründe und Einflüsse zum Motiv des *homme de la nature* in der Literatur des 19. Jahrhunderts in Frankreich und Brasilien. In: LÜSEBRINK, Hans Jürgen; SIEPE, Hans Theo (Org.). *Romanistische Komparatistik. Begegnungen der Texte – Literatur im Vergleich*. Frankfurt: Peter Lang, 1993. p. 206.

tinha também a ver com o desenvolvimento da sociedade brasileira, com o discurso sobre a abolição e com novos conceitos na história cultural.

O velho mito indianista de uma miscigenação envolvendo apenas duas raças, a portuguesa e a indígena, já não mais se sustentava. Portanto, à primeira vista, as críticas de Nabuco em relação à ficção de Alencar refletem a opinião de um realista. Mas elas tinham raízes mais profundas numa perspectiva cultural “universalista” que realmente significava uma rejeição à ênfase tradicional, indígena e rural da história colonial e imperial em favor de modelos modernos, europeus de civilização e de desenvolvimento econômico¹⁴.

De qualquer forma, um ano depois dessa polêmica, em 1876, em estado frágil de saúde, o próprio José de Alencar “foge” da sua vida pública de escritor e das últimas disputas com Joaquim Nabuco e parte com a família para a Europa, desembarcando em Liverpool para uma estadia mais ou menos infeliz de seis meses em Londres, Paris e Lisboa. Mas, ao invés de “cura”, na vida agitada das metrópoles europeias da época, segundo o biógrafo Lira Neto, “encontrara na Europa uma visão antecipada do futuro. Sofrera profundamente ao constatar que lá, no amanhã, talvez não houvesse mesmo um lugar reservado para ele e suas antiquilhas literárias”¹⁵. Mas, nesse momento, José de Alencar já tem a tradução parcial em francês e as duas traduções em alemão de *O guarani*. Nessa mesma viagem, leva também um exemplar de *Ubirajara* “embaixo do braço” e dedica-o a Ferdinand Denis, editor da obra de Yves d'Évreux e, na época, administrador da Bibliothèque Sainte-Geneviève em Paris¹⁶.

¹⁴ “The Indianist’s old myth of a miscegenation involving just two races, the Portuguese and Indian, was no longer sustainable. Nabuco’s criticisms of Alencar’s fiction therefore reflect at first sight the point of view of a realist. But they had deeper roots in a “universalist” cultural perspective that really signified a rejection of the traditional, indigenous, and rural emphasis of colonial and Imperial history in favor of modern, European models of civilization and economic development”. TREECE, David. *Exiles, Allies, Rebels: Brazil’s Indianist Movement, Indigenist Politics, and the Imperial Nation-State*. *Latin American Studies*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, n. 16, p. 13, 2000 (tradução nossa para o português).

¹⁵ NETO, Lira. *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*. São Paulo: Globo, 2006. p. 372.

¹⁶ OBERMEIER, Franz. Ferdinand Denis (1798-1890), Bibliothekar an der Bibliothèque Sainte-Geneviève in Paris und Brasilienforscher. Zur Geschichte der Bibliothèque Sainte-Geneviève. *Auskunft*, n. 28, caderno 2/3, p. 181, 2008.

A tradução alemã de 1886

A tradução alemã de *Ubirajara*, intitulada *Ubirajara. Roman aus den Urwäldern Brasiliens*, foi realizada por Georg Theodor Hoffmann dez anos depois da passagem de Alencar pela Europa. O tradutor só se identificou na capa do livro pelas iniciais do primeiro nome e pelo seu sobrenome, mas provavelmente trata-se do *Reichsgerichtsrat* [juiz da Corte Imperial] Georg Theodor Hoffmann (1848-1919), de Leipzig. Nascido em Rochsburg, na Saxônia, ele estudou Direito na Universidade de Mainz e, em 1868, virou membro da *Leipziger Universitäts-Sängerschaft zu St. Pauli*, uma associação estudantil com as características “schlagend” (“combatente”), “farbentragend” (“uniformizada”) e “musisch” (“ligada às Artes”)¹⁷. Tornou-se juiz em 1872, *Landgerichtsrat* (juiz da Corte Estadual) em 1879 e, em 1884, foi nomeado juiz no Tribunal da Comarca de Leipzig, do qual ele se tornou diretor em 1889¹⁸. Provavelmente, por causa dessa posição pública, ele não podia ou não queria identificar-se inteiramente como tradutor de *Ubirajara*, mas, pela atividade tradutória e pelas escolhas feitas na realização da tradução da lenda, Hoffmann reflete, além do seu gosto pelo exótico, também o seu interesse etnográfico e científico-cultural pela cultura indígena no Brasil, que se baseia numa visão cultural e científica dos trópicos no sentido e na tradição de Alexander von Humboldt. O olhar desse tradutor combina também com importantes parâmetros contemporâneos da etnologia (uma nova disciplina acadêmica crescendo especificamente na Universidade de Mainz e Leipzig), a saber, abordar os povos extraeuropeus como subprivilegiados, minorias, colonizados, para tentar reconstruir a história dos povos sem memória escrita e elaborar uma perspectiva por dentro, com o objetivo de querer valorizar, entender e explicar a realidade própria dessas culturas e dos seus membros e analisar o estrangeiro, o outro, sem questionar o próprio ou as fronteiras entre o próprio e o estrangeiro.

Nesse sentido etnológico, Hoffmann traduz e transforma a lenda poética alencariana em um romance exótico, mas um romance com o objetivo de fazer o leitor de língua alemã entender, explicar e valorizar a cultura indígena “das selvas do Brasil”. Para essa meta, não interessavam os objetivos do autor

¹⁷ ANONYMOUS. *Gesamtverzeichnis der Pauliner vom Sommer 1822 bis Sommer 1938*. Leipzig, 1938. p. 46.

¹⁸ Cf. LOBE, Adolf. *Fünfzig Jahre Reichsgericht am 1. Oktober 1929*. Berlin, 1929. p. 370.

brasileiro ou o contexto da obra no Brasil. Conseqüentemente, Hoffmann, além de mencionar a autoria de Alencar somente com a letra inicial do primeiro nome e, em seguida, o sobrenome, J. de Alencar, sem demais informações biográficas sobre o autor brasileiro, também não traduz a “Advertência” e as “Notas do autor” de José de Alencar. Ao contrário, Hoffmann anexa, no final, um glossário alfabético explicativo de sua própria autoria, contendo treze páginas (103 notas explicativas), intitulado “Erklärungen zu den im Texte enthaltenen Indianismen” (“Explicações sobre os indianismos que constam no texto”)¹⁹. Acrescenta ainda, no texto poético, cinco notas de rodapé, nas quais se refere de forma direta e indireta aos paratextos alencarianos em português.

a) As notas de rodapé do tradutor

Tratam-se das seguintes cinco notas de rodapé do tradutor com os respectivos paralelismos às “Notas do autor”, de José de Alencar. Para ilustrá-las neste estudo, inserimos, no quadro a seguir, à esquerda, as passagens originais de *Ubirajara* que receberam notas de rodapé no texto da versão alemã; e em nota de rodapé transcrevemos as “Notas do autor” originais. À direita, no mesmo quadro, inserimos a respectiva versão alemã das passagens originais citadas, juntamente com as notas explicativas do tradutor, seguidas da nossa tradução:

¹⁹ HOFFMANN, G. Theodor. Erklärungen zu den im Texte enthaltenen Indianismen. In: ALENCAR, José de. *Ubirajara*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich. Königlich rechtlicher Hofbuchhändler, 1886. p. 143-156.

Localização da nota no texto alencariano	Localização da nota na tradução alemã
<p>“PELA MARGEM do grande rio^a caminha Jaguaré, o jovem caçador.” (ALENCAR, 1965 [1874], cap. I, p. 270)</p> <p>“A liga vermelha^b que cingia a perna esbelta da estrangeira dizia que nenhum guerreiro jamais possuirá a virgem formosa.” (ALENCAR, 1965 [1874], cap. I, p. 271)</p>	<p>“Zum großen Fluß^a hinab zieht Jaguaré, der junge Jägersmann.” [“Pela margem do grande rio caminha Jaguaré, o jovem caçador.”] [...]</p> <p>* S. Im Nachtrag die Erklärung zu dem Worte Tokantins.” [“Ver no suplemento a explicação para a palavra Tocantins.”] (ALENCAR, 1886, cap. I, p. 1)</p> <p>“Ein rothes Band umschloß am Knie das schlanke Bein der Fremden und besagte, daß noch kein Krieger die herrliche Jungfrau besaß.” [“Uma faixa vermelha cingia a perna esbelta da estrangeira e dizia que ainda nenhum guerreiro possuirá a magnífica virgem.”]* [...]</p> <p>* Bei den Tupis war es Brauch, daß die Indianerin ihrer mannhar gewordenen Tochter einen rothgefärbten, etwa 3 Finger breiten Baumwollstreifen unterhalb des Knies um das linke Bein webte, welcher dem Mädchen als Zeichen der Jungfrauschaft verblieb und bei dem Verlust derselben gelöst werden mußte.” [“Nos tupis era costume a indígena, quando a filha atingia a puberdade, tecer-lhe, na perna esquerda, abaixo do joelho, uma liga de fio de algodão tinta de vermelho, de 3 dedos de largura, que permanecia na jovem como sinal de virgindade e que, no caso de perda da mesma, tinha que ser retirada.”] (ALENCAR, 1886, cap. I, p. 1)</p>
<p>“Camacá troou a inubia para ordenar silêncio e o filho começou – Guerreiros araguaia, ouvi a minha história de guerra.”^c (ALENCAR, 1965 [1874], cap. II, p. 276)</p>	<p>“Camacan stieß in die Inubia, um Schweigen zu gebieten und sein Sohn begann: – Krieger vom Stamm der Araguaia, vernimmt den Bericht meiner Waffenthat.” [“Camacan troou a inubia para ordenar silêncio e o filho começou: – Guerreiros da tribo dos araguaia, ouvi o relato da minha história de guerra.”]* [...]</p> <p>* “Im portugiesischen Original steht Kriegsgeschichte, was dem Tupiwort maranduba von mara = Krieg, nheeng = sprechen und tuba = viel (viel vom Krieg sprechen) entspricht. – Den Berichten von Reisenden zufolge, haben die Wilden eine große Vorliebe für diese Erzählungen, in denen sie am besten ihre natürliche Beredsamkeit entwickeln können und noch heut kehrt kein Indianer von irgend einer Unternehmung zurück, ohne seine maranduba, d.h. einen ausführlichen und unständlichen Bericht über Alles, was ihm unterwegs begegnet und zugestoßen ist, abzulegen.” [“No original em língua portuguesa, está escrito “história de guerra”, o que corresponde, na língua tupi, à palavra maranduba de mara = guerra, nheeng = falar e tuba = muito (falar muito da guerra). Segundo os relatos dos viajantes, os selvagens têm uma preferência para esse tipo de narrações, nas quais eles podem da melhor forma possível desenvolver a sua natural eloquência e, até hoje, não volta nenhum indígena de qualquer viagem sem a sua maranduba, quer dizer, sem prestar relato detalhado e circunstanciado sobre tudo o que ele encontrou e o que lhe aconteceu enquanto ele viajara.”] (ALENCAR, 1886, cap. II, p. 19)</p>

<p>“Ele viu o grande rio combater com o mar, no tempo da pororoca.” (ALENCAR, 1965 [1874], cap. IV, p. 270)</p>	<p>“Er sah den Strom zur Zeit des großen Ungestüms* mit dem Meer kämpfen.” [“Ele viu o rio na época do grande fenómeno impar lutar com o mar.”] [...]</p> <p>* “Im portugiesischen Text findet sich das Tupiwort pororoca, welches nach v. Martius ‘Schöpfung’ nach anderer Auslegung ‘großes Ungestüm’ worunter das Eintreten der Fluth zu verstehen sein würde, bedeuten soll.” [“No texto em português encontra-se a palavra pororoca, que significa, segundo v. Martius, ‘criação’, e que, segundo outra interpretação, significa grande fenómeno impar; o que denominaria o chegar da maré alta.”] (ALENCAR, 1886, cap. IV, p. 59)</p>
<p>“Jurandir contou mais que nas praias do mar se encontrava uma resina amarela, muito cheirosa^D, a qual a grande serpente criava no bucho.” (ALENCAR, 1965 [1874], cap. IV, p. 292)</p>	<p>“Ferner erzähle Jurandyr, daß sich am Gestade des Meeres ein gelbes, sehr wohlriechendes Harz* finde, welches die große Schlange in ihrem Wanste bilde.” [“Jurandyr contou mais, que nas praias do mar se encontrava uma resina amarela, muito cheirosa, a qual a grande serpente criava no seu bucho.”] [...]</p> <p>* “Es ist dies die Ambra (Excremente des Pottwals), von welcher die ersten Ankömmlinge in Brasilien reichliche Mengen am Strande des neuentdeckten Landes fanden.” [“Trata-se do âmbar (excrementos do cachalote) do qual os primeiros que chegaram no Brasil encontravam grandes quantidades na praia do novo país descoberto.”] (ALENCAR, 1886, cap. IV, p. 63)</p>

A – “Os tupis chamavam assim ao maior rio que existia na região por eles habitada: e daí resultou ficarem tantos rios com essa designação na língua original, ou traduzida. O rio grande de que se trata nesta lenda é o Tocantins, em cujas margens se passa a ação dramática.” Ver: ALENCAR, José de. Notas do autor. In: _____. *Ubirajara. Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilas, v. III, 1965 [1874], p. 320. Hoffmann informa sobre o rio no glossário: “Tocantins, Name eines Indianerstammes und eines Nebenflusses des Amazonas. Das Wort ist ein Compositum aus tocan (tucan) = Pfeffervogel (Tukan) und tim = Schnabel, bedeutet also Tukanschnabel, eine Benennung, die ursprünglich ein Krieger erhielt, da er an seinem Kopfschmuck den breiten Schnabel eines Tukan angebracht hatte und den später ein ganzer Indianerstamm annahm, von welchem er sich dann weiter auf den sein Gebiet berührenden Fluß übertrug. Für die anwohnenden Indianerstämme und die Tokantins selbst, welche in ihrem engeren Gesichtskreis keinen größeren Fluß kannten, war er der ‘Große Fluß’, eine Bezeichnung, welche theils als Original = Tupiwort, theils in seiner portugiesischen Uebersetzung als Flußbenennung in allen Provinzen des heutigen Brasilien häufig wiederkehrt.” [“Tocantins, nome de uma tribo indígena e de um afluente do Amazonas. A palavra é um composto de tocan (tucan) = Pfeffervogel (Tukan) e tim = bico, significa então bico de tucano, um nome, que originamen-

te foi dado a um guerreiro, pelo fato de ele ter fixado nos seus enfeites da cabeça o bico largo de um tucano, uma denominação que depois designou uma tribo inteira e que, mais adiante, deu nome ao rio às margens do território dessa tribo. Para as tribos indígenas às margens desse rio e para os próprios Tocantins, que não conheciam um rio maior na amplitude próxima deles, tratava-se do “grande rio”, uma designação que hoje reaparece com frequência parte como palavra original da língua Tupi e parte, na sua tradução em português, enquanto nome de rio em todas as províncias do Brasil.”]. Ver: HOFFMANN, G. Theodor. Erklärungen zu den im Texte enthaltenen Indianismen. In: ALENCAR, José de. *Ubirajara*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich. Königlich rechtlicher Hofbuchhändler, 1886. p. 153-154 (tradução nossa).

- B – “Era este um dos mais curiosos e interessantes ritos dos tupis. Quando a menina atingia a puberdade, depois de sua purificação, da qual tratam os autores, especialmente Orbigny e Thevet, a mãe punha-lhe nas pernas, abaixo do joelho, uma liga de fio de algodão tinta de vermelho, de três dedos de largura, e tecida no próprio lugar, de modo que uma vez fechada, não era mais possível tirá-la. Vide Gabriel Soares, cap. CLIII. A essa liga chamavam *tapacorá*, e não a podia trazer senão a virgem, de modo que se acontecesse quebrar a castidade, havia de rompê-la, para que todos conhecessem sua falta. Eis como Gabriel Soares se exprime a este respeito no cap. CLII: ‘E como o marido lhe leva a flor, é obrigada a noiva a quebrar estes fios para que seja notório que é feita dona; e ainda que uma moça destas seja deflorada por quem não seja seu marido, ainda que seja em segredo, há de romper os fios de sua virgindade, que de outra maneira cuidará que a leva o diabo, os quais desastres lhe acontecem muitas vezes, etc.’ Este simples traço é bastante para dar uma ideia da moralidade dos tupis, e vingá-la contra os embustes dos cronistas que por não compreenderem seus costumes foram-lhes emprestando gratuitamente, quanto inventavam exploradores mal informados e prevenidos. Em que sociedade civilizada se observa tão profundo respeito pela união conjugal, a ponto de não consentir-se que a mulher decaída conserve o segredo de sua falta, e iluda o homem que a busque para esposa? [...] Nega Southey, cap. VIII, que a liga vermelha e o respeito que ela inspirava indicassem guarda da castidade, porquanto a castidade como a caridade é virtude da civilização; do mesmo modo considera o amor uma delicadeza da vida civilizada. São paradoxos de escritor. Sentimentos naturais à criatura humana desenvolvem-se nela em qualquer estado e condições. Não é possível negar a castidade da mulher tupi; além desse recato da virgindade, prova-a de modo cabal a continência que homens e mulheres guardavam em certas circunstâncias. Assim, nenhum homem tinha relações com a mulher inúbil, nem ela o consentia; o próprio marido não violava essa lei, embora tivesse a esposa em seu poder. [...] Onde está a sociedade civilizada, que observe leis tão rigorosas, e refreie os instintos sensuais com a severidade usada pelos tupis? Poderíamos fazer muitas outras observações que reservamos para um estudo especial acerca dos selvagens brasileiros.”. Ver: ALENCAR, José de. Notas do autor. In: *Ubirajara. Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1965 [1874]. p. 321-322.
- C – “Os tupis para exprimirem história, ou narrativa, diziam maranduba, conto de guerra, de marã, guerra; nheeng, falar; e tuba, muito; falar muito de guerra. Depois aplicaram os indígenas essa palavra a toda narrativa, se é que não criaram para as outras histórias o termo análogo de poranduba, composto de poro, nheeng e tuba: falar muito da gente. Os índios eram muito apaixonados dessas narrações, em que mostravam sua natural eloquência. Informa-me o Dr. Coutinho, incansável explorador do vale do Amazonas, que ainda hoje nenhum índio chega de viagem, que não diga sua maranduba, que é o récito circunstanciado de quanto viu e lhe aconteceu em caminho. Às vezes traduzo o termo; outras o emprego original para mais incutir no livro o espírito indígena. Do mesmo modo procedi acerca de outros termos eufônicos tais como tuxaba, morubixaba, moacara, nhengaçara etc.”. Ver: ALENCAR, *op. cit.*, p. 328.
- D – “É o âmbar, que os tupis chamavam Piraçoçrepoti, e de que ao tempo do descobrimento abundavam as ribeiras do mar, nas províncias do norte.”. Ver: ALENCAR, *op. cit.*, p. 334-335.

Na primeira nota de rodapé, no capítulo I, o tradutor Hoffmann se orienta pela nota alencariana, mas vai além da descrição da orientação dos indígenas pela geografia dos rios e explica, ademais, de forma etnolinguística, as origens do rio grande e da tribo tocantins, sem ligação explícita entre localização e ação dramática da lenda tupi.

A segunda nota de rodapé, ainda no capítulo I, explica o costume da “liga vermelha”. José de Alencar menciona o assunto nos relatos de viagem dos franceses Orbigny e Thevet e refere-se explicitamente ao capítulo CVIII (153) da obra *Tratado descritivo do Brasil em 1587*, de Gabriel Soares Souza, “Que trata dos afeites deste gentio”, falando dos tupinambás. O tradutor alemão Hoffmann não menciona nenhuma dessas fontes e também não alude à nota de Alencar, mas, pelo conteúdo, fica claro que ele traduz a nota original e, na última parte, acrescenta a obrigação da virgem de tirar o fio na hora da perda da virgindade. O tradutor distancia-se das fontes de Alencar e, talvez também pensando no público alvo da tradução, acrescenta mais aspectos culturais.

Essa postura mostra-se também na nota de rodapé seguinte, no capítulo II, sobre a “maranduba”, que José de Alencar traduz como “história de guerra”. O autor refere-se, nesse contexto, às informações de um contemporâneo brasileiro, chamado Dr. Coutinho, aparentemente pesquisador conhecido da cultura indígena na região do Amazonas. Hoffmann não (re)conhece essa referência e, mesmo que se apoie dessa vez no texto de José de Alencar, limita as informações, aludindo, em geral, a “relatos de viajantes”. No final da nota, ele reforça, em um tom de avaliação, a descrição do tipo de relato, substituindo o adjetivo “circunstanciado” pelos dois adjetivos “ausführlich” (“detalhado”) e “umständlich” (“circunstanciado”). O tradutor alemão não traduz as informações de Alencar sobre o seu próprio método de tradução para várias expressões indígenas, demonstrando a sua “independência” em relação às decisões do autor e, nesse contexto especificamente, do tradutor brasileiro da cultura indígena.

A nota de rodapé seguinte, no capítulo IV, apresenta o sentido da palavra “pororoca”, que Alencar não explica e que anima o tradutor para uma discussão maior sobre as possíveis traduções. É a única vez que ele se refere a uma fonte, ao botânico Carl Friedrich Philip von Martius, provavelmente ao *Relato de viagem* ou à *Wörterammlung Brasilianischer Sprachen. Glossaria linguarum Brasiliensium/Glossarios de diversas lingoas e dialectos, que fallao os Indios no império do Brasil*, na coletânea bilíngue *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde America's zumal Brasiliens*, 2 volumes, publicados em 1867,

em Leipzig, na mesma editora, Fleischer, que publicou essa tradução de Hoffmann. Mas, ao invés de seguir Martius, com a sua tradução da palavra “pororoca” como “Schöpfung” (“criação”), Hoffmann explica que seguiu outras fontes e escolheu a expressão “grosses Ungestüm” para traduzir a palavra “pororoca”, querendo mostrar que isso significava, na língua indígena, a chegada da maré no rio.

Na última nota de rodapé, no capítulo IV, sobre “âmbar”, o tradutor orienta-se pela nota de Alencar, mas modifica dessa vez a informação histórica. Alencar faz referência simplesmente à quantidade de âmbar encontrada no início da “conquista” nas praias do norte e o tradutor alemão generaliza esse achado precioso para o Brasil inteiro, falando mais sobre a descoberta da origem dessa riqueza que os europeus encontravam nas praias brasileiras. Conforme Hoffmann, a explicação desse fenômeno natural se descobriu só no início do século XIX por pescadores de cachalotes, percebendo que se tratava de excrementos desses cetáceos.

b) O glossário explicativo sobre os “indianismos que constam no texto”

Trata-se de um glossário alfabético com ênfase nas explicações das 103 palavras indígenas que permaneceram no texto desse “romance das selvas do Brasil”. O tradutor apresenta os sentidos, na maioria das vezes, dos nomes da flora e fauna e especificamente também dos tipos de palmeiras. Inclui ainda explicações sobre palavras indígenas para a geografia, para roupas típicas, para os significados de nomes próprios e instrumentos musicais e sobre estruturas sociais, hierárquicas e religiosas da cultura tupi. Fala sobre a história do Brasil, por exemplo, Caramuru e a personalidade de Sumé, sobre tipos de madeira, comidas e bebidas indígenas, sobre os seus ritos e mitos ligados à natureza. A explicação com a maior extensão é no contexto da palavra “Tupi”²⁰. Nesse caso, Hoffmann explica o mapa das tribos, a história da perseguição, mas destaca também que, àquela época, a língua geral tupi era a língua mais falada no vale do Amazonas e no Brasil inteiro e que havia muitas expressões indígenas incluídas na língua portuguesa do Brasil, especialmente para a geografia (locais, montanhas, rios, plantas e animais), expressões que permaneceriam como testemunhas dos povos que antigamente andavam no Brasil.

²⁰ Cf. HOFFMANN, G. Theodor. Erklärungen zu den im Texte enthaltenen Indianismen. In: ALENCAR, José de. *Ubirajara*. Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich. Königlich rechtlicher Hofbuchhändler, 1886. p. 154.

Não está escrito, mas poder-se-ia acrescentar ao verbo “andar” o termo “livremente” pelo jeito que o tradutor alemão, formado em Direito e obviamente interessado em etnologia, argumenta, lembrando um pouco o caso de descrições sobre a cultura indígena norte-americana. Também a utilização de certas palavras na tradução da lenda tupi, como “Hirsch” para “veado” (no tupi “grande animal”), mostra também que o tradutor alemão, de uma forma ou de outra, modifica também o campo do vocabulário para o leitor alemão, inspirado pela natureza europeia ou americana presente nas obras de Karl May, autor alemão de romances no estilo de Fenimore Cooper a partir dos anos 70 do século XIX e já conhecido naqueles idos de 1886.

Essa tradução alemã de *Ubirajara*, mantendo uma grande quantidade de expressões indígenas no texto poético, dando as explicações somente no glossário anexado e destacando a riqueza linguística, combina ainda muito bem com o perfil das atividades culturais no contexto da Universidade de Leipzig, com a ênfase científico-filológica de muitas editoras e livrarias e com o grande projeto do Museum für Völkerkunde (Museu Etnográfico). Esse museu foi fundado oficialmente em 1870, por iniciativa e com recursos de um grupo de associados intelectuais e interessados da cidade (professores universitários, livreiros, editores – como Brockhaus e Tauchnitz, entre outros – e representantes de grandes bancos). Aos poucos, o museu foi adquirindo uma coleção atrás da outra. Em 1887, comprou a coleção etnográfica dos geólogos saxônicos Wilhelm Reiss e Alphons Stübel, que fizeram, seguindo os passos de Alexander von Humboldt, uma viagem pela América do Sul, incluindo o Brasil, entre 1868 e 1877. Com essa coleção, o museu iniciou a apresentação das Américas. Em 1897, ganhou também a coleção de Hermann Meyer, irmão de Hans Meyer, que deu nome ao célebre *Meyers Konversationslexikon*, para iniciar a coleção sobre a região do Amazonas.

Na mesma época já havia também as famosas Völkerschauen (Exposições dos povos) nos jardins zoológicos, uma postura cruel, ao olhar de hoje, de encenação e popularização do exótico, do estrangeiro, do Outro. Além disso, os romances exóticos eram também um próspero negócio.

A tradução de *Ubirajara* pode ser considerada, à primeira vista, uma iniciativa para popularizar a cultura indígena, tendo em vista um público mais simples ou jovem, que queria esse tipo de romance no estilo folhetinesco em um jornal (a exemplo de *O guarani*, publicado em Leipzig em 1872). Mas, pela inclusão dos indianismos no texto poético com efeito de estrangeirização

e pelo glossário, é mais provável que tenha sido uma tradução de pequena tiragem feita no ambiente do público acadêmico e intelectual interessado por etnografia e etnolinguística das Américas na tradição de Humboldt, para a qual Leipzig era um núcleo de mediação e divulgação na Europa e no Brasil.

José de Alencar descreveu no seu *Ubirajara* de 1874 os costumes indígenas com referência ao discurso brasileiro contemporâneo, incluindo críticas sobre as representações dos indígenas no discurso europeu da época da “conquista”, mas também o citando, seguindo ainda o modelo de Humboldt e utilizando o método etnolinguístico *à la* Martius para as suas notas de autor. Nesse contexto transcultural de interesse etnolinguístico, surgem, apesar de todas as assimetrias e interesses nacionais diferentes, paralelismos surpreendentes nas traduções culturais do autor Alencar e do tradutor Hoffmann. Nesse sentido, o imaginário literário alencariano da natureza tropical do Brasil, de tradições indígenas pelo olhar brasileiro, encontra-se com a sua tradução alemã.

Um (des)encontro entre Alencar e a tradução do seu romance

Para aprofundar o aspecto transcultural do exótico, faz-se importante citar Alexander Honold e Klaus R. Scherpe, da Universidade de Berlim²¹. Eles falam do exótico enquanto “kulturelle Ressource der Moderne schlechthin” (“fonte cultural da modernidade por excelência”)²² e afirmam que especialmente “der ethnographische Schock über die verschobenen Grenzen des Menschseins” (“o choque etnográfico sobre os deslocamentos das fronteiras da existência humana”)²³ é, entre outros efeitos, um dos choques mais significativos desde a época dos descobrimentos, tendo causado, no contexto da descoberta do Outro, sempre a obsessão de comparar ora selvagem-civilizado, ora bárbaro-cristão ou outros pares opostos.

José de Alencar, enquanto romancista brasileiro, já tentou, na esfera do discurso sobre o projeto da nação ou nacionalidade brasileira, “deslocar” os limites da percepção da condição humana através de seus romances indianistas, aconselhando a cultura brasileira, influenciada pela Europa, a integrar características ou elementos da cultura indígena como raízes. Em *Ubirajara*, sua

²¹ Cf. HONOLD, Alexander; SCHERPE, Klaus. Einleitung: Für eine deutsche Kulturgeschichte des Fremden. In: _____. (Org.). *Mit Deutschland um die Welt. Eine Kulturgeschichte des Fremden in der Kolonialzeit*. Stuttgart: Metzler, 2004. p. 1-25.

²² *Ibidem*, p. 3.

²³ *Ibidem*.

posição, em seguida muito criticada por Joaquim Nabuco, está representada não apenas pela forma da lenda tupi, mas também pela sua tentativa, nas notas finais, de “comprovar” o alto e culturalmente assimilável “estado civilizatório” da cultura indígena pré-colonial no Brasil.

O tradutor alemão não transmite esse discurso alencariano, porque o público leitor alemão, no momento da tradução, provavelmente não se importava com esse aspecto do projeto de história e identidade nacional brasileira, e os comentários de José de Alencar provavelmente também não seriam compreensíveis sem conhecimento profundo do discurso contemporâneo no Brasil daquela época.

Aqui, o foco principal da ação tradutória é, em primeiro plano, transmitir a lenda, que não é chamada “lenda”, mas “romance das selvas do Brasil”, com o glossário correspondente com explicações do tradutor sobre a flora e fauna brasileiras e a cultura e língua indígenas tupis. Mas o objetivo do tradutor também não era a transposição da reflexão crítica de José de Alencar sobre os escritos dos cronistas europeus ou sobre a etnografia brasileira de então. O romancista brasileiro deveria ser percebido, muito mais, como autor “exótico”, que aproximava o leitor alemão, através de seu “romance das selvas do Brasil”, da cultura e língua indígenas.

No contexto do exotismo, seguindo a perspectiva transcultural de Honold e Scherpe sobre o exótico, as explicações alfabéticas do glossário do tradutor combinavam com o objetivo de poder atender, no estudo do exótico, o interesse do público por explicações genealógicas. As culturas consideradas geograficamente distantes e etnicamente “primitivas” são valorizadas nesse momento histórico como

Resíduos dos capítulos iniciais da humanidade, projetando para o europeu a imagem da sua origem filogenética [...]. A informação sobre o exótico vira um empreendimento de retorno e procura pelas raízes e fontes da cultura, da origem e da natureza do homem²⁴.

²⁴ HONOLD, Alexander; SCHERPE, Klaus. Einleitung: Für eine deutsche Kulturgeschichte des Fremden. In: _____. (Org.). *Mit Deutschland um die Welt. Eine Kulturgeschichte des Fremden in der Kolonialzeit*. Stuttgart: Metzler, 2004. p. 11-12. No original em alemão: “Residuen aus den Anfangskapiteln der Menschheit; sie halten den Europäern das Bild ihrer phylogenetischen Abkunft vor Augen [...]. Die Kunde vom Fremden wird zum Rückwendungs- und Suchunternehmen nach den Wurzeln und Quellen der Kultur, nach Herkunft und Wesen des Menschen” (tradução nossa para o português).

Nessa suposta intenção, apesar da assimetria temporal e espacial, encontram-se o *Ubirajara* de José de Alencar e a sua tradução alemã. No entanto, sem a “Advertência” e as “Notas do autor”, José de Alencar não pode ser percebido, na Alemanha, como autor crítico brasileiro que discute a questão indígena no contexto do discurso etnográfico e da construção da nação em seu país. Em vez disso, o tradutor Hoffmann importa e transmite apenas a lenda idealizada, não declarada como tal no título e traduzida no âmbito do maior interesse popularizado para línguas estrangeiras exóticas e costumes de culturas nativas extraeuropeias.

José de Alencar tinha visto, na forma da lenda com entrelaçamentos paratextuais, a possibilidade de fundar as próprias raízes da nacionalidade e, por isso, foi necessário discutir as representações europeias do Brasil colonial, especialmente as representações dos indígenas brasileiros, desenvolvendo, a partir de um discurso crítico, uma posição própria. Em princípio, esse procedimento combinava com o conceito de Sílvio Romero para uma literatura nacional brasileira, porque, com esse tipo de desenvolvimento de uma postura intelectual própria, Romero identifica um dos pré-requisitos para uma internacionalização do Brasil e, dessa forma, considera isso uma condição para a participação moderna no processo geral da civilização²⁵.

Mas o tradutor alemão não traduziu essa posição intelectual própria de José de Alencar porque não considerou o romance o lugar para discutir antropomorfismo, poligamia ou antropofagia. Então, nesse momento histórico de 1886, não foi traduzida essa visão crítica extraeuropeia e, portanto, José de Alencar não foi percebido no espaço de língua alemã como um autor brasileiro crítico e, nesse sentido, também moderno. Ao invés disso, foi representado em língua alemã como autor brasileiro divulgando a cultura e língua indígenas do seu país.

²⁵ Cf. NITSCHAK, Horst. Silvio Romeros Situierung der brasilianischen Nationalliteratur. In: NITSCHAK, Horst (Org.). *Brasilien im amerikanischen Kontext*. Vom Kaiserreich zur Republik: Kultur, Gesellschaft, Politik. Frankfurt: TFM – Teo Ferrer de Mesquita, 2005. p. 245.

Referências bibliográficas

ALENCAR, José de. Ubirajara. In: _____. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, v. III, 1965 [1874].

_____. *Ubirajara*. Roman aus den Urwäldern Brasiliens. Nach dem portugiesischen Original des J. de Alencar übersetzt und mit Anmerkungen versetzt von G.Th. Hoffmann. Leipzig: Verlag von Wilhelm Friedrich. Königlich rechtlicher Hofbuchhändler, 1886.

ANONYMOUS. *Gesamtverzeichnis der Pauliner vom Sommer 1822 bis Sommer 1938*. Leipzig, 1938.

COUTINHO, Afrânio (Org.). *A polêmica Alencar-Nabuco*. Rio de Janeiro: Editora Universidade de Brasília; Tempo Brasileiro, 1978.

GRAF, Marga. Der edle Wilde bei Chateaubriand und José de Alencar – Hintergründe und Einflüsse zum Motiv des *homme de la nature* in der Literatur des 19. Jahrhunderts in Frankreich und Brasilien. In: LÜSEBRINK, Hans Jürgen; SIEPE, Hans Theo (Org.). *Romanistische Komparatistik*. Begegnungen der Texte – Literatur im Vergleich. Frankfurt: Peter Lang, 1993. p. 195-215.

HONOLD, Alexander; SCHERPE, Klaus. Einleitung: Für eine deutsche Kulturgeschichte des Fremden. In: HONOLD, Alexander; SCHERPE, Klaus (Org.). *Mit Deutschland um die Welt*. Eine Kulturgeschichte des Fremden in der Kolonialzeit. Stuttgart: Metzler, 2004. p. 1-25.

LOBE, Adolf. *Fünfzig Jahre Reichsgericht am 1. Oktober 1929*. Berlin, 1929.

NETO, Lira. *O inimigo do rei: uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil*. São Paulo: Globo, 2006.

NITSCHAK, Horst. Silvio Romeros Situierung der brasilianischen Nationalliteratur. In: NITSCHAK, Horst (Org.). *Brasilien im amerikanischen Kontext*. Vom Kaiserreich zur Republik: Kultur, Gesellschaft, Politik. Frankfurt: TFM – Teo Ferrer de Mesquita, 2005. p. 229-245.

OBERMEIER, Franz. Ferdinand Denis (1798-1890), Bibliothekar an der Bibliothèque Sainte-Geneviève in Paris und Brasilienforscher. Zur Geschichte der Bibliothèque Sainte-Geneviève. *Auskunft*, n. 28, p. 167-189, caderno 2/3, 2008.

TREECE, David. Exiles, Allies, Rebels: Brazil's Indianist Movement, Indigenist Politics, and the Imperial Nation-State. *Latin American Studies*, Westport, Connecticut, Greenwood Press, n. 16, p. 1-15, 2000.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar. Ethnographische Schriften zu Brasilien und Humboldt-Rezeption in José de Alencars indianistischen Erzählung *Ubirajara*. In: XAVIER; ZEUCH (Org.). *Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien*, p. 217-224.

XAVIER, Wiebke Röben de Alencar; ZEUCH, Ulrike (Org.). *Kulturelle Übersetzung: Das Beispiel Brasilien. Das achzehnte Jahrhundert. Zeitschrift der Deutschen Gesellschaft für die Erforschung des 18. Jahrhunderts*, v. 34, n. 2, p. 155-248, 2010.